

XVII CONGRESSO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CEARÁ

Tecnologias da Educação: passado, presente, futuro



Anais XVII Congresso de História da Educação do Ceará. V.1, 2018, ISSN 2237-2229

ENTRE O DOGMA E A RAZÃO: ENLACES DISCURSIVOS SOBRE SEXUALIDADE¹⁸⁸

Jarles Lopes de Medeiros¹⁸⁹

Gisafran Nazareno Mota Jucá¹⁹⁰

RESUMO

O trabalho discute as relações entre sexualidade, religião e ciência a partir do enfoque discursivo sugerido pela abordagem foucaultiana. Um dos objetivos do estudo é apresentar um panorâmica histórico acerca da sexualidade e como suas manifestações ao longo do tempo foram se ampliando no campo social, deixando de pertencer unicamente aos limites do domínio religioso, expandindo-se a partir de movimentos no campo científico. Essa compreensão só é possível a partir da concepção da sexualidade como um dispositivo histórico, portanto, apresentando-se com diferentes nuances e formas, sendo atravessa por costumes, normas, relações de poder e desejo de saber, tendo em vista um maior controle sobre o sujeito sexual. No período medieval, falava-se apenas em sexo matrimonial, portanto, sob a tutela da Igreja e com fins à reprodução. A partir da modernidade, buscou-se compreender, nas diversas áreas do conhecimento, a clandestinidade por trás de uma prática sexual silenciada por preceitos religiosos. Assim, sujeitos antes que viviam à margem do matrimonialismo vieram à tona em busca de se confessar, não mais em espaços místicos, mas no território da razão. Esse movimento fez emergir múltiplas formas de vivenciar a sexualidade humana. O importante

¹⁸⁸ Artigo publicado no Livro Educação e Filosofia: perspectivas e desafios. Organização: Eduardo Ferreira Chagas, Danielle Rodrigues de Oliveira, Munique de Souza Freitas e Natália Ayres. Curitiba, Editora CRV, 2018.

¹⁸⁹ Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: jarlles@hotmail.com

¹⁹⁰ Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: gisafranjuca@gmail.com

nesta pesquisa não é traçar uma linha histórica acerca do tema, mas refletir como esse saber-poder que permeia, desde a modernidade, a sexualidade das pessoas, conseguiu instalar dispositivos de controle envolta do sexo, numa busca incessante de categorização e conceitualização que foi capaz de colocar o sexo, outrora reprimido demonizado, no cerne da sociedade ocidental. Os resultados apontam que essa óptica nos permite pensar nas questões atuais de violência e intolerância contra grupos sociais marginalizados por apresentarem um comportamento sexual que foge ao padrão heterossexual com fins reprodutivos. Como metodologia, utilizamos a abordagem foucaultiana, buscando um caminho genealógico, não com fins a uma compreensão linear, mas com realização de idas e vindas sobre o mesmo objeto: a sexualidade.

Palavras-chave: Dogma, Razão, Sexualidade.

I. APONTAMENTOS INICIAIS SOBRE A DIMENSÃO HISTÓRICA DA SEXUALIDADE

Quanto mais o homem penetra, pelo seu conhecimento, nesses mistérios, maior é a sua admiração pelo poder e pela sabedoria do Criador. Mas, seja por orgulho ou por fraqueza, sua própria inteligência faz com que ele se iluda. Acumula muito conhecimento, mas, a cada dia que passa, verifica quantos erros tomou por verdades e quantas verdades rejeitou como erros. Assim, a cada dia, acrescenta mais decepções ao seu orgulho. Kardec (2013, p.82-83)

Este ensaio apresenta uma discussão em torno da relação entre sexualidade e os discursos religiosos medievais e os científicos modernos. O objetivo é suscitar reflexões acerca do surgimento do conceito de sexualidade em perspectiva mais ampla, para além das dimensões corporais e/ou sexuais. Como ponto de partida, e para a compreensão do referido conceito, recorreremos aos estudos foucaultianos sobre a emergência da sexualidade como um dispositivo histórico (FOUCAULT, 2011).

Não seria possível constituir uma narrativa em perspectiva cronológica em torno da sexualidade humana com o intuito de buscar a sua gênese, abrangendo desde a sua origem até as suas complexas e incompreendidas manifestações contemporâneas. Não obstante, compactuamos com Foucault (2014) quando o mesmo, titubeante, confere a tais narrativas de aberturas históricas, presente em diversas sociedades, discursos cristalizados no imaginário coletivo que despertam um sentimento comum de reconhecimento e compreensão. Esses

Anais do XVII Congresso de História da Educação do Ceará. V.1, 2018, ISSN 2237-2229

Linha de História e Educação Comparada

Universidade Federal do Ceará

discursos são fundantes de outros, uma vez que nos remontam a um suposto marco inicial, que somos levados a crer, por meio da repetição, que está na origem de nossa identidade. Como exemplo, temos a justificativa de alguns sobre a origem da sexualidade humana, com argumentos de cunho religioso, apontando a passagem bíblica de Adão e Eva como marco inicial.

Quando tratamos de temas relacionamos ao ser humano, não existem verdades absolutas. A sexualidade possui diferentes cronologias permeadas de implicações morais, religiosas, científicas e/ou sociológicas. Dependendo do lugar de fala ou análise, o tema pode ser abordado com diferentes propósitos, uma que vez que se trata de sexualidades distintas, com propósitos que variam desde questões relacionadas ao poder, como, também, ao prazer e ao controle. Dessa forma, neste trabalho, a sexualidade é concebida como um *dispositivo histórico* (FOUCAULT, 2011).

Revel (2011) contribui para a compreensão do conceito de dispositivo ao destacar que a concepção foucaultiana se debruça sobre os mecanismos de dominação, e não nas ideologias que o acompanham. Os dispositivos “[...] são de natureza heterogênea: trata-se tanto de discursos quanto de práticas, tanto de instituições quanto de táticas instáveis [...]” (p. 43).

Para Foucault (2014), não existe um discurso unificado da sexualidade, mas um conjunto de discursos que procurou ao longo do tempo regulá-la nos diferentes campos do conhecimento, os quais são marcados por diferentes nuances de interdições, em que essas “[...] não têm a mesma forma e não interferem do mesmo modo no discurso literário e no da medicina, no da psiquiatria e no da direção de consciência” (p. 63).

A sexualidade humana possui uma dimensão social e política, e, assim como as demais relações que envolvem interações humanas, é histórica. A conduta sexual de um povo reflete suas crenças, seu modo de viver, sua cultura, reflete as relações de poder existentes em tal sociedade. Numa sociedade machista e homofóbica, tais marcas acabam sendo impressas na *sexualidade oficial*, partindo do ponto de vista heterossexual, com as relações impregnadas de sexismos e estereótipos.

Ao mesmo tempo em que se fala em igualdade e liberdade sexual, há o entrave, a permissão e a interdição, o lícito e o ilícito. Como observa Chauí (1984, p. 205) “[...] nessa sociedade falante e tagarela, não é todo mundo que tem direito à fala. Mulheres e homossexuais masculinos, por exemplo, estão destinados ao silêncio. Outros falam por eles”. A base dessa afirmação

apresentada pela autora se encontra nos estudos foucaultianos, onde o filósofo apresenta que nem todas as pessoas estão autorizadas a falar.

Diante do exposto, torna-se necessário realizar uma discussão acerca da sexualidade para além do corpo e dos aspectos reprodutivos a fim de compreender suas múltiplas variações e manifestações, não sendo possível fechar tais conceitos. A compreensão em torno dos diversos arranjos familiares que encontramos atualmente e que são silenciados pelo discurso oficial do governo, da legislação e no cotidiano escolar, perpassa essa dimensão histórica.

Para este ensaio, foi fundamental assumirmos uma postura crítica diante da polarização entre o dogma e razão. O intuito foi compreender determinado fenômeno histórico, no caso a sexualidade, através de teorias. Optamos por uma abordagem teórico-bibliográfica de cunho qualitativo, partindo dos discursos religiosos e científicos, ancorado nos estudos foucaultianos, os quais apontam que a confissão religiosa, dentro da Igreja, cedeu lugar à confissão científica nos consultórios médicos, destacando a transição religiosa para a científica. O desenvolvimento das ciências a partir da modernidade repercutiu significativamente para a elucidação da problemática em torno do tema, não sendo possível ignorá-lo neste estudo.

Assim, iniciamos com a análise foucaultiana (FOUCAULT, 2011 e 2014) sobre os discursos religiosos e científicos acerca da sexualidade. Em seguida, abordamos brevemente uma das principais correntes das ciências modernas, o Positivismo (COMTE, 1983), destacando os seus princípios norteadores, ao mesmo tempo em que levantamos uma reflexão sobre a ideia de desenvolvimento gerada na modernidade.

ILDO CONFESSIONÁRIO RELIGIOSO AO DIVÃ CIENTÍFICO

Existe uma *teia* de relações envolta da sexualidade, sendo impossível compreendê-la separada das relações humanas e de toda a sua diversidade. Historicamente, a constituição da sexualidade e os seus desdobramentos na forma de ser, considerando a mesma para além do ato sexual, reconfigurando condutas e refletindo na concepção de corpo e identidade contemporânea, é algo relativamente recente na história da humanidade.

A discussão sobre a sexualidade aqui apresentada teve na confissão do sujeito o seu ponto de partida. Tal confissão está na gênese da formação discursiva em torno da sexualidade com o intuito de controlar a conduta sexual das pessoas, tendo, com isso, interesses políticos, sociais

e econômicos. Foucault (2014) destaca que essa relação de controle e exclusão que permeia os discursos da sexualidade ao longo da história evidencia uma preocupação e vigilância constantes a fim de assegurar o poder, tendo nos processos de exclusão, dentre eles a interdição de alguns grupos e práticas, uma de suas marcas mais explícitas. “Por mais que o discurso seja bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (p. 10).

Foucault (2011) discute a história da sexualidade e suas origens a partir da análise dos discursos, em primeira instância formados pelas falas das pessoas, mas não se limitando a elas. Dessa forma, a história da sexualidade esteve estritamente relacionada à confissão dos sujeitos, as suas falas e depoimentos. Destaca que vivemos numa sociedade confessional. A confissão, como construção de uma verdade sobre o sexo, permitindo que as pessoas falassem de sua sexualidade, contribuindo, com isso, para a produção dos discursos acerca do tema, esteve presente em dois momentos na história da sexualidade humana: um religioso, no período medieval, e outro científico, na modernidade.

Foi a partir das ciências modernas, sobretudo com o surgimento da Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise, que foi possível compreender a sexualidade como algo intrínseco à vida do sujeito, presente em todo o seu desenvolvimento, do nascimento à morte. No período medieval, não existia tal conceito, havia apenas o ato sexual, onde a Igreja exercia uma fiscalização constante para que o mesmo não fosse praticado para outros fins que não estivessem ligados à reprodução e ao matrimônio. Através da confissão eclesiástica, conhecia-se a conduta sexual das pessoas a fim de vigiá-las e garantir a norma, onde aqueles que praticavam desvios sexuais eram repreendidos e purificados por meio das penitências.

No período medieval não havia uma compreensão da sexualidade para além da cópula. As pessoas viviam numa sociedade matrimonialista, em que a única função do casamento era a procriação. A Igreja exercia, prioritariamente, uma fiscalização constante da conduta sexual do povo através da confissão dos pecados. Aqueles que se distanciavam do padrão matrimonialista eram considerados desviantes. Os preceitos religiosos relativos às condutas sexuais provocavam forte influência sobre a moral da época.

As pessoas, com medo dos castigos eternos, confessavam seus pecados sexuais ao padre dentro da Igreja. A instituição religiosa compreendia a conduta sexual das pessoas com o intuito de exercer maior controle sobre os corpos e os comportamentos, sob o enfoque moral. Essas

sociedades viveram o *Dispositivo da Aliança*, aponta o filósofo, tendo no ato sexual a única função de procriar, só podendo ocorrer esse encontro a partir do casamento, disseminado pela cultura cristã da época.

Com o advento da modernidade e o deslocamento nas mentalidades da fé para a razão, o dogma foi cedendo o seu lugar ao questionável e ao empírico. Por meio de um lento e complexo processo cultural, começou-se uma “[...] longa luta entre a ciência e o dogma, na qual os tradicionalistas se empenharam numa batalha perdida contra o novo conhecimento” (RUSSELL, 1969, p. 6). No entanto, os processos sociais não podem ser vistos de forma simplista. Conceber a modernidade em oposição ao período medieval acarreta inúmeros prejuízos à compreensão dos respectivos períodos históricos. Muitas vezes, o termo *Idade Média* é utilizado de forma pejorativa para designar atraso nas mentalidades.

Vale destacar que foi o racionalismo moderno que difundiu a ideia da Idade Média como *idade das trevas*. Mas foi esse período, considerado obscuro e turbulento pela historiografia tradicional, que continha os elementos necessários para o período seguinte. Neste trabalho, o recorte cronológico moderno não foi feito aleatoriamente. Diz respeito ao impacto das ciências na concepção da sexualidade humana. Contudo, não foi intenção propor uma linha histórica uniforme, tampouco um *ponto final* na historicização da temática. O objetivo foi formar uma *linha de horizonte* ao se discutir a sexualidade humana.

Foucault (2011) informa que a partir da modernidade, por meio de relatos e análises, pôde-se ir além do ato sexual, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de uma *tecnologia sexual* (exame de DNA, meios contraceptivos, inseminação artificial, pílulas estimulantes da libido, etc.) que influenciou a forma como nos relacionamos uns com os outros. Enquanto que no período anterior se buscava conhecer a conduta sexual das pessoas a fim de vigiá-la e controlá-la, sob a óptica de uma moralidade desejável e única, a partir do século XVI se buscou compreendê-la com o objetivo de exercer um maior controle sobre os corpos que necessitavam de uma assepsia, garantindo longevidade e resistência na sociedade industrial que se consolidava. A Psicanálise propôs uma compreensão do sujeito para além da razão, fazendo surgir o corpo psíquico (NERI, 2005), em que a influência dos fenômenos mentais poderia repercutir no corpo inteiro.

Com o desenvolvimento das ciências modernas, os estudos filosóficos, sociológicos e antropológicos possibilitaram a ampliação da nossa compreensão sobre o mundo, permitindo-

nos ir além do que está posto e nos reconhecer como seres ativos na realidade em que vivemos. Com esse avanço tecnológico, mas também gnosiológico, foi possível refletir sobre o nosso passado e compreender a dialética da vida contemporânea. Foucault (2011) segue na discussão apontando as implicações desse processo na compreensão da sexualidade humana e contesta a hipótese de que vivemos numa sociedade que vem se reprimindo ao longo dos séculos nas questões relativas ao comportamento sexual, já que cada vez mais o tema é debatido. Sexualidade é um conceito moderno, conquistado paulatinamente ao desenvolvimento científico a partir do século XVI.

A modernidade foi marcada pela vontade de saber, tendo como característica uma ciência do olhar (FOUCAULT, 2014). Houve um empenho entre os diversos campos do conhecimento numa busca constante, mas sempre incompleta, em direção à compreensão dos fenômenos humanos e sociais. As ciências se debruçaram sobre a conduta sexual das pessoas. Sujeitos que antes eram considerados desvios, sendo silenciados e banidos das rodas sociais, emergiram como categorias, com conceitos específicos, surgindo o que o filósofo chamou de *vegetação de sexualidades*.

Procurou-se compreender os homossexuais, os sádicos, as histéricas, os pedófilos, dentre outras categorias. Aos poucos, os aspectos relacionados à prática sexual foram se ampliando e a visão matrimonialista não comportava mais tal complexidade. A partir de então, não existia apenas a heterossexualidade e, para se compreender esta, era preciso considerar toda a complexidade da sexualidade humana. Esse movimento de ampliação moderno caracteriza o *Dispositivo da Sexualidade* (FOUCAULT, 2011).

Todo esse desenvolvimento científico contribuiu para ampliarmos nossa concepção acerca da sexualidade. As diversidades sexuais ganharam espaço nos discursos e foram desassociadas das patologias. As questões relativas às diferenças entre os gêneros atualmente se limitam às questões culturais, não sendo mais consideradas diferenças de inferioridade biológica entre homens e mulheres. A *tecnologia sexual* conquistada a partir da modernidade repercutiu em diversos setores sociais. As mulheres tiveram assegurado o direito ao prazer, tendo na pílula anticoncepcional o *ponto final* na questão do sexo como único fim a reprodução.

As técnicas de fertilização assistida *colocaram em xeque* o matrimônio clássico, no qual a união entre os sexos opostos era condição *sine qua non* para a reprodução e constituição da família. As pílulas para o tratamento da disfunção sexual masculina, conhecidas como *pílulas*

azuis, garantiram uma longevidade à prática sexual masculina, contribuindo para a paternidade tardia, após a terceira idade, o mesmo ocorrendo com as mulheres com o tratamento hormonal. Os reflexos dessa tecnologia foram significativos na constituição da família contemporânea, onde a configuração clássica, formada por pai, mãe e filhos, não seria mais a única vigente.

Dessa forma, é importante destacarmos que foi a partir da fala do sujeito, manifestando a sua confissão, que a sua sexualidade foi compreendida e ampliada. Na Idade Média a Igreja ouvia os pecados dos penitentes e compreendia a conduta sexual dos mesmos, criando mecanismos de controle e punições. Na modernidade, a confissão ocorreu nos consultórios médicos, mais uma vez a partir dos depoimentos dos sujeitos. Buscou-se compreender suas condutas sexuais a fim de assegurar-lhes longevidade e assepsia, quesitos essenciais para a sociedade industrial que se consolidava. Assim, observa-se que a ciência assegurou a consolidação de um processo de controle sobre a sexualidade.

III. CIÊNCIA E A IDEIA DE DESENVOLVIMENTO

A modernidade imprimiu os seus ritos e reforço às normas com o subsídio das enciclopédias, constituindo as bases do pensamento científico, onde, *a priori*, o império do simbolismo místico e religioso cederia lugar à supremacia da razão. A força maior que controlava o homem no período medieval era externa, estava em outro ser, onisciente, capaz de ver e julgar todas as ações, ao mesmo tempo em que era o caminho para a redenção. A partir das *luzes*, o homem começa a tomar o posto o qual lhe pertence, acreditando dominar todos os setores da natureza, controlando a sociedade de acordo com os seus interesses econômicos e sociais.

Tem-se uma recusa à religião. O pensamento religioso é considerado primitivo, apresentando-se como um retrocesso, não sendo mais concebível explicar o mundo a partir da religião. A razão passa a ser a controladora do mundo, o caminho para explicação dos fenômenos. No entanto, as religiões resistiram e se expandiram pelos continentes. A modernidade não acabou com a religião.

Por isso, a escola surge com a pretensão de ser laica, tendo na enciclopédia que orienta o currículo um guia de compreensão da realidade, aspecto esse, de acordo com Cavalcante (2015), que sugere um paralelo com a Bíblia. A modernidade *traduziu* a ideia da Bíblia por

meio da enciclopédia. Deixa-se de acreditar em Deus (Bíblia) para se acreditar no homem (Estado).

A socióloga destaca que um dos principais guias da modernidade foi o Positivismo, o qual surge alicerçado no princípio de ordenar a nova sociedade pós-revolução francesa, corrente essa que repercutiu na maneira de conceber a sociedade e na forma de perceber como se dá a construção e sistematização do conhecimento científico.

Considerado um dos precursores da sistematização sociológica, Comte (1983) considera que as ciências sociais necessitavam de um método que fosse capaz de sistematizar o social, a fim de reproduzir mecanismos que assegurassem a ordem. Portanto, o filósofo propunha construir a ordem a partir da ciência e não da política. Trata-se de uma ordem social advinda da ciência positivista. A sociedade pós-revolução francesa precisava de um ordenamento.

O escopo dos estudos comteanos é a evolução do pensamento, como o mesmo se constrói ao longo da história. Trata-se da teoria da evolução do conhecimento (mito – divino – ciência). Nesse sentido, a ciência se consolida como o ideal do conhecimento humano. Propõe-se uma sistematização e identificação do ordenamento das ideias. Cavalcante (2015) salienta que o autor abre o caminho para que Darwin (2010) pense a evolução, derrubando, com isso, o pensamento divino. O método sociológico deveria ser o mesmo das ciências da natureza.

Para explicar convenientemente a verdadeira natureza e o caráter próprio da filosofia positiva, é indispensável ter, de início, uma visão geral sobre a marcha progressiva do espírito humano, considerando em seu conjunto, pois uma concepção qualquer só pode ser bem conhecida por sua história (COMTE, 1983, p. 3)

A ciência é concebida como algo positivo que traz progresso e ordem para a humanidade. O desenvolvimento das forças produtivas cria as condições para o desenvolvimento da riqueza e satisfação da liberdade de pensamento, desenvolvendo cidades e criando intercâmbios entre elas. O filósofo funda a sociedade positivista, onde ciência e técnica aparecem como ferramentas fundamentais para o progresso, riqueza, longevidade, espírito, razão e cultura. O Positivismo se configura como uma ciência social, a partir da qual seria possível conceber os métodos sociais por meio da ciência, dominando os fatos sociais, trazendo progresso e ordem para a sociedade.

No entanto, o século XX apontou que as ciências modernas não resolveram os anseios da humanidade. Se a razão trouxe benefícios, acarretou, também, em inúmeros problemas.

Evidências (fome, miséria, guerras, etc.) demonstram que o aparato tecnológico que surgiu a partir desse período não propiciou um bem-estar universalizado.

Com o desenvolvimento industrial, houve uma produção em larga escala que, além de não ter sanado a problemática da fome em diversas regiões do mundo, provocou a escravização do homem pelo homem. As duas Grandes Guerras, *encabeçadas* pelas grandes nações, causaram enormes prejuízos à livre socialização do humano. Os estigmas desses eventos são perceptíveis ao longo dos séculos XX e XXI, onde as nações globalizadas montaram um poderoso arsenal bélico capaz da autodestruição mútua e total.

Esse é o *preço que pagamos* por todo o desenvolvimento científico e cultural o qual conquistamos? No nosso mais estimado ego, alimentamos, durante aproximadamente quatro séculos, um sentimento de superioridade absoluta frente aos fenômenos naturais e psicossociais. Porém, fomos incapazes de nos compreendermos e respeitarmos o outro, conquistamos um desconforto constante. Sobre a problemática, Morin (2002) destaca que:

Concebido unicamente de modo técnico-econômico, o desenvolvimento chega a um ponto insustentável, inclusive o desenvolvimento sustentável. Torna-se necessária uma noção mais rica e complexa do desenvolvimento, que seja não somente material, mas também intelectual, afetiva e moral. Nesse sentido, o século XX não saiu da idade de ferro planetária, mergulhou nela (pp. 69 -70).

A vida em coletividade, em que a contenção dos prazeres individuais se tornou condição para se conviver em harmonia no campo social, fez surgir o que Freud (1974) denominou de *sentimento de culpa*, caracterizado pela ausência constante da felicidade, esse apontado como um dos maiores problemas no desenvolvimento da civilização. O progresso das ciências e a conseqüente *dominação*, sempre limitada, do campo natural, ambição essa milenar, não trouxe a felicidade para as pessoas.

Grande parte do desenvolvimento científico tem se erigido sobre a pretensão de superar a morte física e psíquica do sujeito, tanto que um dos elementos que compõem o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) criado pela Organização das Nações Unidas (ONU) é a expectativa de vida. A ciência se debruçou, também, numa busca para a conquista da juventude eterna. Criou-se a indústria do cosmético que se renova a cada instante. O nosso corpo traz em si as marcas do tempo, cicatrizes que deixaram de ser consideradas experiências e ganham um tom pejorativo. Vivemos tempos em que a idade não deve ser quantificada.

Ao mesmo tempo em que existe todo um aparato enciclopédico em torno das questões referentes à sexualidade, com diferentes conceitos, na prática o que se observa é um constante e crescente quadro de intolerância e incompreensão. Todo esse desenvolvimento científico não foi suficiente para resolver a problemática da violência sofrida pelas pessoas consideradas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros (LGBT). Há discursos de ódio fundamentados tanto em preceitos religiosos como científicos contra essa comunidade. É preciso nos questionarmos acerca da ideia de desenvolvimento que temos cultivados desde a modernidade. Desenvolvimento em prol de quê?

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é interessante ressaltar que séculos antes, no período compreendido como Idade Média, a religião era concebida como via de acesso à redenção. O discurso religioso era determinante na compreensão do sujeito, o qual perdurou durante mais de 15 séculos. A soberania do discurso científico é relativamente recente, considerando o caminho histórico, possuindo aproximadamente quatro séculos. Entretanto, a imponente da razão possui uma interface com a religião, essa mostrando o seu poder, principalmente nos espaços em que aquela não alcança, como no *mundo* espiritual, por exemplo.

Atualmente, é preciso que a mente, para as ciências, e o espírito, para as religiões, permaneçam sãos, acompanhados de uma higidez física. Ciências como a Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise surgiram e se consolidaram numa tentativa constante de tornar a existência menos sofrida, remediando as perturbações que venham a comprometer o convívio social, apesar das contradições da sociedade capitalista, a qual é alicerçada na exploração do homem pelo homem, acarretando em existências perturbadas e deformadas.

Principalmente no que diz respeito a esse ponto, as religiões ou manifestações espirituais oferecem um suporte a tais ciências, podendo ocorrer, no entanto, divergências irreconciliáveis. A Psicologia pode abordar as enfermidades psíquicas a partir do conhecimento enciclopédico adquirido ao longo do tempo por meio da experiência imediata. A religião pode considerar que tal enfermidade tenha sua cura no campo espiritual. Ambas podem ter sucesso em suas proposições de recobro. Sem dúvidas, a modernidade não sucumbiu com o pensamento místico e religioso.

É preciso despertar a crítica em torno das concepções que apontam para a divisão entre ciência e religião, onde a modernidade teria se sobreposto ao período medieval. Essa ideia é, no mínimo, uma cisma preconceituosa que acarreta em prejuízos na compreensão do percurso histórico.

O século XXI é marcado pela herança do Positivismo, onde ainda cultivamos a crença de que o conhecimento científico é o caminho para explicação de todos os fenômenos que nos circundam, sendo o único meio para a salvação no mundo físico.

Apesar dos discursos religiosos e científicos almejarem explicar a realidade a partir de princípios distintos, ainda assistimos ao império da incompreensão em torno da problemática da sexualidade. Essas duas correntes ainda não encontram um consenso acerca de algumas questões referentes ao tema, como o respeito às pessoas LGBTTs e o direito ao aborto.

Corriqueiramente, alguns grupos são excluídos e violentados na atual sociedade por não se enquadrarem em um padrão dito como normal: cristão, branco e heterossexual. Engana-se quem pensa que os discursos de ódio são fundamentados apenas em princípios religiosos. Recentemente no Brasil, no ano de 2017, um juiz do Distrito Federal autorizou um grupo de psicólogos a realizar tratamentos de *reversão sexual*¹⁹¹, procedimento este conhecido como *cura gay*. O Conselho Federal de Psicologia se posicionou contra essa prática, alegando infração aos Direitos Humanos, já que em 1990, devido ao desenvolvimento conquistado pela ciência, a homossexualidade deixou de ser considerada uma patologia pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Ao observar casos como esse, podemos questionar a noção de desenvolvimento científico, uma vez que tal desenvolvimento não assegura a integridade e o livre arbítrio dos sujeitos. A discussão em torno dos meandros que ligam sexualidade, ciência e religião é de suma importância para compreender o atual cenário de violência, intolerância e incompreensão que circunda o debate.

O objetivo desta discussão foi suscitar reflexões acerca da sexualidade como um dispositivo histórico, uma construção social, que está em constante movimento e em consonância com seus espaços sociais e temporais. Apesar desse enfoque a partir dos discursos

¹⁹¹ Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/juiz-concede-liminar-que-permite-aplicacao-de-cura-gay-por-psicologos/>. Acesso em: Dez/2017.

científicos e religiosos, não podemos simplificar a discussão e atribuir unicamente à ciência ou à religião o caminho para transcender a problemática da sexualidade.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **Seminário de Educação Brasileira**. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Disciplina ministrada aos alunos do Curso de Mestrado e Doutorado em Educação Brasileira no semestre 2015.2. Fortaleza: UFC, 2015.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida**. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COMTE, Auguste. Curso de Filosofia Positiva. *In: _____*. **Curso de Filosofia positiva; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. Tradução de Eduardo Fonseca. HEMUS. São Paulo, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 21° ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

_____. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/Michel Foucault**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FREUD, Sigmund. _____. O mal-estar na civilização. *In: _____*. **O futuro de uma ilusão, O mal-estar da civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

KARDEC, Allan. **Livro dos espíritos**. Porto Alegre: BesouroBox, 2013.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2010.

NERI, Regina. **A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

RUSSELL, Bertrand. **História da Filosofia Ocidental**. Livro terceiro. Tradução de Breno Silveira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.